

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2007 - ANO X - Nº 120

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Os temporais que vêm atingindo o Sudeste do país, nas últimas semanas, têm causado, além de mortes, consideráveis prejuízos à região. Os meios de comunicação apontam que a situação é mais grave em áreas serranas, onde muitas pessoas foram obrigadas a deixar suas residências devido ao risco de inundação ou desabamento.

Como acontece todos os anos, as chuvas causadoras desses problemas trazem à tona uma série de falhas das políticas públicas. Constatase que programas e recursos destinados ao combate às enchentes mostram-se pontuais e insuficientes. Políticas habitacionais, que deveriam ser voltadas prioritariamente à remoção das populações de áreas de risco, revelam-se inexistentes. Há deficiência na articulação entre União, Estados e Municípios no ataque a essas questões. A falta de propostas para saná-las é real, de maneira que, todos os anos, quando chegam as chuvas de verão, junto a elas vêm novos problemas que tendem a se agravar cada vez mais. Nesse período, as administrações públicas se mobilizam, decretam estado de emergência nos municípios buscando abocanhar recursos federais ou estaduais, que são mal empregados, e, passado o período das águas, nada mais é feito para evitar novos incidentes.

Programas preventivos e educacionais, canalização de córregos, contenção de encostas, revegetação de áreas críticas e conservação de galerias precisam ser executados. O processo de crescimento e urbanização das cidades traz consigo questões relevantes que precisam ser resolvidas a médio e longo prazos. Os municípios precisam enfrentar com seriedade a questão das chuvas. O Brasil perde, todos os anos, cerca de 1 bilhão de dólares com os danos provocados pelas enchentes, que causam vítimas fatais, milhares de desabrigados e destruição de bens. Por trás dessa grave questão existem problemas ambientais a serem equacionados. Paralelamente às obras de infra-estrutura para drenagem urbana, é necessário um trabalho de conscientização cidadã. O desenvolvimento urbano a qualquer custo precisa ser repensado.



A ocupação de áreas de preservação ambiental coloca a população em constante risco. Com o aquecimento global e o aumento da intensidade das chuvas, acidentes ambientais, como enchentes e desmoronamentos, tendem a se agravar. É preciso se preparar para minimizar seus efeitos.

Chuvas expõem falta de planejamento urbano

Com o aquecimento global, as chuvas tendem a se agravar. É preciso planejamento urbano e trabalho preventivo para mitigar seus efeitos. As enchentes serão cada vez mais intensas, como as provocadas pelas fortes chuvas deste verão, que vêm deixando um rastro de destruição, prejuízos e tristezas a inúmeras famílias. A defesa civil dos estados e municípios atingidos deverá continuar em alerta, uma vez que a estação chuvosa deverá se estender até março.

A localização geográfica do montanhoso município de Piquete coloca-o em estado de atenção, uma vez que é propensa a ocorrência de enchentes e desmoronamentos, quando assolada por chuvas de grande intensidade ou prolongadas. Os acidentes resultantes de processos de escorregamento, erosão e inundação são frequentes nesse período.

Piquete cresceu de maneira desordenada, ocupando áreas de risco. Esse processo acelerou-se nos últimos cinquenta anos com o surgimento de novos bairros e alteração na paisagem. Assim, no processo histórico de ocupação dos espaços, permitiram-se construções em regiões expostas a desastres naturais, como encostas íngremes e margens de rios.

A ocupação de áreas frágeis do ponto de vista ambiental provoca enchentes ou

erosões. Esses processos atingem a cidade como um todo. Por isso, é fundamental mudar a maneira como estamos pensando, produzindo e usando a cidade.

Com a conscientização de que os problemas tendem a se agravar, a maioria dos municípios têm-se empenhado na elaboração de planos diretores e no cumprimento da legislação ambiental, fiscalizando e planejando seu crescimento e impedindo construções em áreas de risco. Em muitas cidades, são observados projetos de reestruturação de algumas áreas, bem como a conscientização da população. Também é preciso um programa de recomposição da cobertura vegetal e um controle da erosão, manutenção de estradas, limpeza dos cursos d'água. Como a principal causa dos agravos causados pelas chuvas se deve à ação do homem, é necessário que se promovam campanhas e se estabeleçam metas para a destinação dos resíduos sólidos, impedindo-se que o lixo seja jogado nos rios e córregos. O momento é crítico, mas não se pode postergar um planejamento para a cidade, visando-se ao futuro. O aquecimento global é uma realidade e suas consequências estão aí, como as observadas neste início de ano. O mundo todo vem se preparando para elas e Piquete não deve seguir na contra-mão mundial.

Imagem - Memória



A Associação de Judô de Piquete existe oficialmente de 24 desde outubro de 1965. Na foto, em sua antiga sede, na Av. Major Pedro, vemos, ao centro, o Sen-sei Nelo Pelegrine; a partir da esquerda: Antônio S. Porto, Carlos Beraldo, Josino Claudino, Sávio, Vanderlei, Claudino, ? e Marcos A. Soares.

AJP - Associação de Judô de Piquete

O judô tornou-se conhecido dos piquetenses há mais de quarenta anos. A origem desse esporte nos remete ao Japão, onde foi criado como arte marcial, em 1882, por Jigoro Kano. Objetivava o fortalecimento do físico, da mente e do espírito, de forma integrada, além de desenvolver técnicas de defesa pessoal. Teve grande aceitação em todo o mundo, pois Kano conseguiu reunir a essência do Jiu-Jitsu, arte marcial, e outras artes de luta praticadas no Oriente, e fundi-las numa única e básica.

No Brasil, surgiu por volta de 1922, por meio de Eisei Maeda, que fez sua primeira apresentação no país, em Porto Alegre, partindo para demonstrações pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pará, onde popularizou o conhecimento dessa arte. Em 18 de março de 1969, era fundada a Confederação Brasileira de Judô, tendo em vista a crescente difusão dessa modalidade esportiva.

Em Piquete, o judô foi trazido por Nelo Pelegrine, que tomou conhecimento desse esporte no Rio de Janeiro, em 1961. Passou a praticá-lo na Academia Ju-Gonin-Gumi, em Lorena, destacando-se. Com o apoio dos judocas loreneses Davi Escada e João Lopes, começou a dar aulas, criando uma escola em Piquete, cuja primeira sede foi alugada num prédio próximo à Estação Rodrigues Alves. Desde os primeiros momentos, quando cogitou criar uma Academia em Piquete, Nelo contou com o apoio dos professores Diomedes Leite e

Wilson Leite do Prado, e de Mounir Atiê, e teve como primeiros alunos Antônio Severo Porto, Gilberto Machado, José Ribeiro e Carlos Beraldo, Alcides dos Santos.

A inauguração oficial da Associação de Judô de Piquete aconteceu em 24 de outubro de 1965. Nessa ocasião a Prefeitura cedeu um espaço anexo ao Mercado Municipal, na Rua José de Castro Ferreira, para sua sede. Após pequenas reformas e arranjos e a instalação de um tatame, tiveram início as aulas. Para divulgar o Judô na cidade, em março de 1966 aconteceu um grande evento esportivo no "Ginásium de Esportes Duque de Caxias". Com o apoio da FPV e a presença de autoridades e grande número de esportistas, o Elefante Branco, repleto, foi palco de uma festa de confraternização esportiva, que contou com a colaboração da Academia Ju-Gonin-Gumi. O público, curioso, assistiu às demonstrações de luta, que teve a participação dos faixas-pretas Davi, Abel e Zanin. Poucos piquetenses conheciam essa modalidade de esporte. O presidente da Academia de Lorena e da Liga de Judô do Vale do Paraíba, Davi Chofi, e João Aquino, também faixas-pretas, explicaram, com detalhes toda a programação do evento e as diversas demonstrações e golpes executados pelos judocas. Coube ao presidente da Academia de Judô Piquete (AJP), Nelo Pelegrine, e seus secretários Diomedes e Wilson, o mérito desse grande acontecimento.

A partir de então, a diretoria empenhou-se na arregimentação de sócios, visando à manutenção da sede e à compra de materiais. Aos poucos, um número cada vez maior de jovens passou a se dedicar ao Judô. Muitos se destacaram como: João Carlos Arantes, Dujovânio, Nelsinho Claudino, José Maria Paiva e outros. A AJP tornou-se um celeiro de grandes talentos, com inúmeros troféus em todas as categorias em que passou a competir. Nelo Pelegrine permaneceu por muitos anos à frente dessa associação. Por algum tempo foi substituído por Yassutaka Tsukamoto, de Lorena, trazido por Mounir Atiê. Nelo retornou por um curto período; afastando-se definitivamente, deixou como Sen-sei seu auxiliar imediato João Carlos Arantes que filiou a Associação de Judô de Piquete na Federação Paulista de Judô.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

João Carlos Arantes

Um dos esportes que mais tem contribuído para a divulgação do nome de Piquete fora das fronteiras do município é o judô. Durante o decorrer do ano, judocas piquetenses participam de mais de dez campeonatos pelo interior de São Paulo e sagram-se campeões. Isso fez com que a Associação de Judô de Piquete (AJP) se tornasse conhecida e respeitada pela qualidade técnica e preparo de seus atletas. Grande parte desse sucesso se deve ao trabalho do Sen-sei (professor) João Carlos Arantes, um apaixonado por esse esporte que bem jovem começou a praticar. Certo dia, no início de 1966, passando pela avenida Major Pedro, viu que ali, num antigo prédio, funcionava provisoriamente uma academia de judô. O esporte, até então desconhecido dos piquetenses, causava curiosidade nas pessoas. Foi essa curiosidade que fez com que João Carlos entrasse, assistisse aos treinos e nunca mais se afastasse da academia. A paixão foi instantânea. O professor era o judoca Nelo Pelegrine, responsável por trazer esse esporte a Piquete. Os alunos eram poucos. Recorda-se de Gilberto Machado, Antônio Severo Porto, José Ribeiro e Carlos Beraldo. João Carlos nos conta que, para iniciar nas aulas, precisou só do tempo para providenciar o quimono, que naquela época era feito com saco de trigo alvejado. Com ele se matricularam: Nelsinho Claudino, Dujovânio e José Maria Paiva. Com três meses de academia foi promovido a faixa azul, e oito anos depois conquistou sua primeira faixa preta. Por volta de 1979, o professor Nelo Pelegrine precisou se afastar. João Carlos, seu auxiliar, foi convidado a assumir sua função, tornando-se Sen-sei. Como professor, João Carlos, de imediato, procurou filiar a academia à Federação Paulista de Judô. A partir daí, os alunos começaram a se filiar e a competir oficialmente, participando dos campeonatos paulistas, de seletivas e do Campeonato Brasileiro. Em 1980, idealizou o "Torneio Aniversário de Piquete", evento que até hoje atrai judocas de todo o Vale do Paraíba, Sul de Minas, Rio de Janeiro e Região Bragantina. É considerado um dos maiores da região. João Carlos competiu até os trinta anos, quando conquistou o



título de 4º Dan. Como sempre gostou de lecionar, deixou de competir, dedicando-se integralmente ao ensino desse esporte. Como professor, é exigente e rígido quanto à disciplina e preparo físico dos atletas. Procura passar para eles responsabilidades e postura ética, não só na academia, mas também fora dela. Preocupa-se com a formação integral do jovem, de maneira que dedica quinze minutos após as aulas para um bate-papo com os alunos. Há vinte e seis anos como professor, recorda-se de seu primeiro aluno – Moracy Ferreira, que continua praticando judô. Já formou vinte oito faixas pretas e vários campeões: Edvânia Santos Pereira – bi-campeã paulista; Simone Moraes – campeã paulista; Isabela Tavares – campeã paulista; Ricardo Arantes – vice-campeão paulista; Renan dos Santos – vice-campeão paulista; Stefani França – campeão paulista, e muitos outros laureados. Hoje a AJP é gerenciada por uma diretoria cujo presidente é Moacir Ferreira. João Carlos Arantes, além de tesoureiro, é professor, e conta com dez auxiliares e aproximadamente 60 alunos.

Paralelamente ao esporte, João Carlos, técnico em Química, trabalhou na Fábrica Presidente Vargas, na área de Qualidade. Está aposentado desde 1997. Filho de José Carlos Arantes e Ângela Giffoni Arantes, nasceu em 23 de junho de 1953. É casado há vinte e nove anos com Fátima Costa Ferreira Arantes, com quem tem três filhos: Ricardo, Marlon e Laila. Para seu orgulho, os dois filhos são faixas pretas, e, assim como o pai, aficionados pelo judô.

João Carlos (3º da dir./esq.) iniciou-se no Judô em 1966, com treze anos. Aos trinta, já 4º dan, deixou de competir, dedicando-se a ao ensino desse esporte.



Nota da Cidade

✓ **Jongo de Piquete, um novo olhar...**

No dia 20 de janeiro, aconteceu, no Terrana Dance Bar, o lançamento do projeto "Jongo de Piquete, um novo olhar". Além de diversos convidados, o evento contou com a presença do Grupo de Jongo do Tamandaré, de Guaratinguetá, que, juntamente com os jongueiros de Piquete, animou a noite com uma grande roda.

Mestre Gil (prof. Gilberto Augusto) comentou os objetivos e metas do projeto, ressaltando a importância do resgate dessa manifestação cultural em Piquete.

✓ **Professora da USP vem conhecer Jongo**

A professora Dra. Dilma de Melo Silva, da Universidade de São Paulo (US), titular da cadeira "Cultura Brasileira" na Escola de Comunicação e Artes (ECA), veio a Piquete especialmente para a apresentação de Jongo do dia 20-jan-07. Dra. Dilma coordena cursos e atividades do Centro de Estudos Africanos (CEA), ligado ao Departamento de Antropologia daquela conceituada Universidade.

✓ **Coral Vozes da Serra**

O coral "Vozes da Serra" apresentou-se, no dia 13-jan, após a missa realizada na Capela de São Vicente de Paula, na Vila Vicentina, em Piquete. Essa apresentação foi solicitada devido ao sucesso da noite de estréia do grupo, que aconteceu em dez-06, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa".

✓ **Campeonato Interestadual de Futebol**

Aconteceu, entre os dias 9 e 14 de janeiro, a sétima edição do **Campeonato Interestadual de Futebol de Piquete**. Tendo à frente, mais uma vez, o empolgado Sabará, o evento foi um sucesso. Participaram do campeonato 57 equipes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, num total de aproximadamente 1000 atletas, divididos nas categorias "fraldinha", "pré-mirim", "mirim", "infantil" e "juvenil", com idades entre 10 e 19 anos. De Piquete, marcaram presença as equipes "Manoel Espíndola", "Estrelinha", "Vila Esperança" e "Pirralhos de Piquete".

Os jogos levaram muitos torcedores aos estádios do Estrela e Municipal (Vila Esperança). Houve partidas, também, nos campos do CSU e dos Operários, na cidade de Lorena. Piquete ficou movimentada com os atletas de fora, que ficaram alojados nas escolas do município.

Os vencedores, por categoria, foram:

Juvenil – Campeão: Pirralhos de Piquete; Vice: Lorena.

Infantil – Campeão: Lorena; Vice: Guaratinguetá.

Mirim – Campeão: Volta Redonda/RJ; Vice: Ferraz de Vasconcelos/SP

Pré-mirim – Campeão: Volta Redonda/RJ; Vice: Vitória/ES

Fraldinha – Campeão: Aliança de Cruzeiro; Vice: Lorena

A Força do Progresso – 4ª Parte

Descrição iconográfica do edifício da Usina Hidrelétrica

I – Os detalhes arquitetônicos e do posicionamento

Primeiro dos edifícios da Fábrica de Pólvora sem Fumaça em instalação, a Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves foi a precursora dos demais, construídos para sediar a organização fabril bélica. Marcados pelo estilo eclético militar de modelo europeu, particularmente francês austro-húngaro, têm, muitos deles, conjugados os representantes da Art Nouveau, marcantes do final do século XIX, da pré-primeira guerra mundial (1914-1918). A eclosão dessa forma artística, marcada pelo equilíbrio e o detalhamento alegórico, remete a uma combinação de força e leveza expressas por simetrias, curvas e florais evocativos de um enriquecimento, produto da expansão capitalista. A racionalidade, produto do Iluminismo, propunha-se hegemônica pelo republicanismo e impunha-se como representação.

O edifício da Usina coteja essas idéias em representações alegóricas narradas nas paredes externas, nos portais, janelas, telhados e na sua posição orientada magneticamente pelos símbolos identificadores das direções astrofísicas na portada principal: um losango inserido numa projeção cartográfica de base Mercator-Samson – o globo num cilindro.



Duas entradas principais cotejam-se no edifício-sede da Usina: a portada larga que dá vistas para o leste, o nascente, como era comum estabelecer para edifícios importantes. A outra, lateral, com duas portas simetricamente idênticas, voltada para o ribeirão Sertão, de onde vêm as águas controladas pela barragem à montante da corrente. O acesso para essas portadas é dado por três degraus. No segundo deles, na fachada leste, a estrela do escudo básico das armas nacionais está representada com as cinco pontas, definindo as respectivas partes repartidas em duas faces gironadas de dez peças.

A colocação dessa estrela no segundo degrau do edifício inicial da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, inaugurado a 15 de setembro de 1906, parece indicar-se como marco fundante – o marco zero da construção do estabelecimento fabril bélico. No degrau acima, ao nível do piso interno, o citado losango com o globo ao centro, compasso das direções magnética e cartográfica, como aparece na base de bússolas. Sobre essa se colocaria o aparelho dotado da agulha imantada para direcionar o norte astronômico e geográfico. A partir daí as triangulações do teodolito definiriam as instalações e os projetos arquitetônicos e dos movimentos energéticos da água e da eletricidade.

Pois bem. O edifício como um todo possui na tríade sua representação simbólica principal: é dotado de três portas, nove janelas, três degraus de acesso ao piso interno, local da casa das máquinas e de decorações florais, compostas por ramos tripartidos e amarrados em feixe, de onde derivam as hastes básicas. Possuem um eixo central ladeado simetricamente por duas hastes vergadas, encimadas por flores e folhas estilizadas em arranjo artístico. A flor-de-liz é evocada nos arcos que encimam portas e janelas. São janelões envidraçados nos quais alinham-se três repartições em quatro fileiras vítreas, somando todos doze quadrados. A flor-de-liz, os lírios e as flores menores, que parecem acácias, contêm mensagens visuais dos símbolos usados na Maçonaria. Afinal, não destituída a hipótese



dessa representação, já que essa sociedade filantrópica secreta animou o espírito dos republicanos e dos liberais, cujas idéias de fraternidade demonstraram-se nas revoluções como a americana, de 1776, e, principalmente, a francesa, de 1879, além das revoluções no Império do Brasil referidas no capítulo anterior (3ª parte).

A ordem tríade contida em todos esses símbolos referencia-se nas idéias revolucionárias francesas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Afinal, observemos – o modelo adotado representa-se pela ordenada simetria repetida nas linhas e pequenos escudos: dois no arco superior e um na base do arco decorativo que encima as três portas. Apontam-se mutuamente. Ainda, na decoração das citadas portas, o trabalho em relevo, esculpido na madeira nobre é dado por saliências geométricas em número de três em dois menores na parte superior, lado a lado, e quatro maiores, dois a dois, derivando do topo para a base. Os elementos decorativos dos ângulos externos das paredes e das laterais dos vértices da cumieira repetem-se em seis formações, como escalas de barras, e complementam-se em arcos, tendo o símbolo florido como a rosa estilizada sobre um lírio – símbolos que desde a Idade Média representam, respectivamente, pureza e magnanimidade.

Os pára-raios são três, decorados em artesanaria de composição floral, da mesma genérica forma alegórica. Obra de destacada serralheria artística.

A concepção hierárquica presente na elaboração do plano arquitetônico conjuga do mais elementar até o mais alto componente do universo, como forma interligada do inferior ao superior, por firmes vínculos de submissão à autoridade, reciprocamente afirmados e aceitos. As linhas simétricas são cobertas por arcos.

Assim, parece, estão somados a racionalidade, a reflexão e as intenções para dar legitimidade a uma idéia fundadora. A Terra, o Céu e o Homem, intermediário.

Continuaremos nossas considerações.

Dóli de Castro Ferreira



Fotos Alzira Beckmann



“Flashes” da apresentação do Coral “Vozes da Serra”, de Piquete, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, da Fundação Christiano Rosa, em Piquete, no dia 22 de dezembro de 2006.

Coral “Vozes da Serra” em Noite Natalina

Aplaudidíssima pelo público que lotou as dependências do Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” a primeira apresentação do coral “Vozes da Serra”, no dia 22-dez-2006.

Após poucos meses de ensaio, o grupo surpreendeu pela qualidade do trabalho apresentado e pela regência, que coordenou um repertório predominantemente natalino.

O Coral Vozes da Serra

O coral “Vozes da Serra” teve sua origem em 07 de agosto de 2005, por iniciativa de Ernani Beckmann, hoje seu presidente.

Naquela época, auxiliado por Hamilton Ricardo e Fabiana B. Abreu, formou um pequeno grupo sob orientação de Francisco C. S. Ribeiro (Kiko). Contou, então, com o apoio da Fundação Christiano Rosa, que lhes cedeu o Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” para os ensaios.

Após um período de recesso, o grupo, enriquecido por novos elementos, voltou a se reunir a partir de agosto de 2006. Contando com 32 elementos, divididos nas vozes soprano, contralto, tenor e baixo,

ensaiavam, desde então, às terças e quintas-feiras, sob a regência dos maestros Diones Laerte e Sidney Gonçalves, que passaram ao grupo noções de técnicas vocais e ritmo, além de enfatizarem a importância da união de todos.

Complementando a noite de 22 de dezembro, houve a apresentação do quarteto de metais formado por Kiko Ribeiro, Gilberto Ferreira, Diones Laerte de Assis e Thiago Fernando Barros.

A Festa dos Santos Reis

Criada por José Custódio dos Santos, o “Zé das Moças”, a tradicional Festa dos Santos Reis aconteceu entre 4 e 7 de janeiro, em frente ao Bar Triângulo, na Vila Barão. Este ano o evento teve como festeiras Natalie Sudário, Neide Claudino, Neuza Aparecida e Jorgina. Um palco foi montado na Rua Marechal Deodoro da Fonseca, onde, durante as noites, aconteceram apresentações de duplas sertanejas, capoeira, jongo, congada e Folia de Reis.

No sábado, dia 6, consagrado aos Santos Reis, aconteceu na igreja de São Benedito missa celebrada pelo Padre Cícero, vigário de Piquete. Logo a seguir, uma animada roda de Jongo e apresentação de música sertaneja, dançada pela população até a madrugada.

No dia 7, logo pela manhã, houve queima de fogos e recepção ao grupo de Folia de Reis, que visitou casas do bairro. Ao meio-dia, foi servido um saboroso almoço aos

presentes e apresentação de um grupo de Congada, de Lorena.

O encerramento da festa aconteceu à noite, com música sertaneja e indicação das festeiras do próximo ano.

A Folia de Reis

A Festa de Reis é uma festa religiosa de origem portuguesa, que chegou ao Brasil no século 18. No período de 24 de dezembro, véspera de Natal, a 6 de janeiro, Dia de Reis, um grupo de cantadores e instrumentistas percorre a cidade entoando versos relativos à visita dos reis magos ao Menino Jesus. Passam de porta em porta, visitando presépios. Durante as visitas, recebem oferendas, que podem variar de um prato de comida a uma xícara de café. Os preciosos versos cantados são preservados por gerações, por tradição oral. Em cantoria, fazem uso de temas religiosos: da Profecia ao Nascimento de Jesus Menino e à visita dos Reis Magos. Os instrumentos utilizados

são viola, violão, sanfona, chocalho, reco-reco, cavaquinho, triângulo, pandeiro e outros. Os personagens integrantes do grupo trajam roupas bastante coloridas, sendo eles: mestre, contramestre, três reis magos, palhaços e foliões. O mestre e o contramestre – donos dos conhecimentos – comandam os foliões. O palhaço cínica e dissimuladamente deve proteger o Menino Jesus, confundindo os soldados de Herodes. O seu jeito alegre e suas vestimentas coloridas são responsáveis pela distração e divertimento de quem assiste à performance. A Folia traz consigo um estandarte ornado com motivos religiosos.

É preciso valorizar as festas do ciclo natalino, não permitindo que se percam tradições como a Folia de Reis, tão caras e importantes para a cultura piquetense e a regional.

Congada São Benedito, de Lorena



Foto Arlete Monteiro Ribeiro

Bandeira de Grupo de Folia de Reis, em Piquete



Foto Arlete Monteiro Ribeiro

Folia de Reis de Piquete



Foto Arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

A Rita...

Palmyro Masiero

Apanhei o bondão pra cidade e, no banco à minha frente, já estavam duas senhoras tagarelando. Não falavam muito baixo e passei a ouvir a conversa, que captei em andamento:

– Tudo por causa da bandida da Rita, dizia uma.

– Mas ela está tão ruim? – espantou-se a outra.

– Ruim é apelido, minha filha! Está-me dando problemas cada vez maiores – exclamou a primeira. E continuou: – Já estou perdendo a paciência e, apesar do amor que tenho por ela, qualquer dia passo-a pra frente.

“O louco, seo!” – pensei comigo. Que estaria aprontando a Rita pra deixar a mulher no estado de pô-la no olho da rua?

– Olha – voltou a bronqueada –, tem manhã, como a de hoje, que acorda num mau humor, que permanece mais empacada que jumento. Noutras, desperta alegre, contente da vida e se liga logo na saída. Volúvel, instável...

– Situação chata... Nunca se sabe como vai se comportar.

Essa Rita bem que poderia ser mais sensata, dizia com meus botões. A mulher estava fula e, pelo que tinha apreendido, a diabinha da menina era uma barra!

– Se fosse por falta de cuidado, de carinho, ainda vá lá... Mas não! Não sou relapsa. Sempre levo-a a um check-up e, quando penso que está tudo bem, surgem novos defeitos...

Problemática mesmo, quase assoprei pra mulher. Talvez fosse uma hipocondríaca... Uma hipótese, não?!

– Pra tudo existe uma causa – justificava a acompanhante.

– Ah, minha filha, pois sim! Tudo é fora de lugar. Ela não tem parafusos de menos... Tem a mais!

– Uma superdotada – disse a outra sorrindo, pilheriando, coisa que não entendi.

– Superdotada de defeitos. Com ela é tudo na base do oito ou oitenta. Se se entusiasma, acelera adoidada; e, quando cai

na apatia, nada... Deve ter alergia crônica, pois é ferrugem pura!

Comecei a ficar com raiva da mulher. Ora, se a Rita é só defeitos, o melhor que faz mesmo é se desfazer dela. Será que não tem uma só virtude a garota? Ou moça? Não sabia...

– É um verdadeiro deus nos acuda! A impressão que se tem é que a bateria dela é tão seca, que não dá partida nem que peixe se resfrie!

Cá pra nós, isso são maneiras de se falar de uma pessoa? Estava com o dedo no gatilho pra lhe perguntar se a Rita era sua criada, escrava ou coisa desse naipe. Era massacre em cima da coitada!

– E saiba que, com tudo estragado, a desgraçada às vezes anda! Quando cisma, bem entendido. O negócio dela é matar elefante a rato!

Juro que ia comprar essa briga em defesa da Rita.

– Que marca é? Perguntou a outra?

Ah! Foi a gota d'água! Marca em gente? Só se for: branca? Preta? Amarela?; ou: Católica? Protestante? Espírita?; talvez capitalista? Socialista? Comunista? Ainda: peemedebista? Pedessista? Petebista? Levantei-me nervoso e cheguei ao banco da frente, indignado:

– Olha dona, se a senhora tem tanta birra dela assim, por que não a entrega ao juizado de menores ou, se for maior, que vá cuidar da própria vida, ao invés de, na sua ausência, ficar malhando-a mais que a Judas?! Quem é o senhor? – Assustou-se a madame. – Do que é que está falando?

– Ora dona... Estou ouvindo a senhora falar de sua filha, enteada, empregada ou o que seja... Todo ser humano merece consideração e respeito!

– O senhor é maluco, hem?! Não tenho filha, nem enteada, nem empregada...

– A senhora está arrasando com a coitadinha da Rita...

– A Rita é minha Brasília branca 76...

Cara de sorte! O ônibus tinha acabado de parar. Não era o meu ponto, mas passou a ser. E a ser do cara mais enxerido do mundo!

O Meganha

Edival da Silva Castro

O Meganha era um cão vira-lata, porte médio, pêlo café-com-leite, focinho claro, bacento.

No início da década de 50, apareceu faminto, não se sabe donde veio, no rancho do Contingente 2/12. O cozinheiro, com pena do animal, deu-lhe uma sobra do almoço e ele ficou para a janta. Assim por diante, abanando o rabo pra uns e latindo pra outros, sentou praça.

Toda noite, quando o corneteiro iniciava o silêncio, ele surgia, ia para o meio do pátio e começava a acompanhar o toque suave da corneta, uivando. Pela alvorada, repetia o gesto.

O Meganha passou a fazer suas refeições junto com os amigos recém-conquistados. Aos poucos foi integrando-se ao pelotão. O próprio Capitão, Comandante do Contingente, passou a admirá-lo pela manha e companheirismo. Às vezes, ficava dividido: ora encontrava-se no Contingente, ora no Corpo de Bombeiros. Qualquer viatura que deixava o quartel, ele procurava embarcar; virara o mascote da tropa.

O cachorro tornou-se tão participativo que, nas instruções de maneabilidade, nas práticas de educação física e esportes, participava com alegria e vivacidade. Nos grandes desfiles comemorativos ou festivos, lá estava ele, na frente da tropa, junto com o Comandante.

Certa vez, o Corpo de Bombeiros recebeu um chamado da cidade de Guaratinguetá, o mercado principal pegava fogo. Na correria, o Meganha também embarcou. Após o incêndio, os bombeiros, cansados, nem se lembraram do cachorro, regressaram a Piquete e deixaram-no para trás. A guarnição, ao chegar à cidade, o Comandante, sentiu a falta dele, fez a viatura voltar imediatamente para buscá-lo.

Os militares, acostumados com seus uivos e trejeitos, não perceberam que o tempo passara. E numa tarde chuvosa de outono veio a falecer.

Naquela noite não houve toque de silêncio, tampouco alvorada na manhã do dia seguinte. O Contingente 2/12 entristeceu. Sob o mastro da Bandeira Nacional, onde todas as manhãs ele costumava uivar junto com o toque da corneta e perante a tropa, foi enterrado – quase que com honras militares.

A caserna deu adeus ao seu mascote uivante.

Memória

*Eu me lembro de paisagens invisíveis,
de coisas passadas não vividas,
de lembranças indeléveis esquecidas,
memória imemorial de dias idos,
perdidos na contagem irrisória
se calendários datados cotidianos,
marcados de eventos em vermelho,
vazios de poesia e liberdade.
Eu me lembro de mim como promessa,
no labirinto de sonhos e desejos,
perdida a fala, repetindo o realejo,
a sorte paga a dez míseros centavos,
tal qual a voz do corvo de Alan Poe:
Nunca mais! Nunca mais! Never more!*

Poemas de Olga de Sá publicados no livro “Coisas Caladas”, de 2005

Verdes

*Verdes, infinitos tons de verde,
variegada esperança prometida,
aceno da rosa da existência.
Quero toda a convivência
e mais a solidão.
Quero toda a partilha
e mais a independência.
Tudo é impossível!
Tudo transborda da arte de ser feliz,
neste mundo de metas provisórias,
nesta humana condição de morrer.
Cada segundo e minuto,
cada riso, gesto e lágrima,
assinalam o não ser.*



Acesse, leia e divulgue
o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

O Santo Brasileiro

Frei Santo Antônio de Sant'Ana Galvão

O Papa Bento XVI assinou, no sábado, dia 23 de dezembro de 2006, o decreto de canonização do valeparaibano nascido em Guaratinguetá-SP, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, tornando-o, assim, o primeiro santo nascido brasileiro. Após 15 anos decorridos da instauração do processo de canonização, segundo as normas do Vaticano, e, finalmente cumpridas as obrigações legais, Frei Galvão chega à glória dos altares, comprovados os milagres a ele atribuídos.

A organização do processo investigativo tem como orientadora a irmã Célia Cadorin, que documentou todos os eventos e pôde, finalmente, proclamar, em entrevista para o jornalista Silboney José, da Rádio Vaticano, e transmitida pela emissora de Aparecida em 24-12-06, a alvissareira notícia, para gáudio de todos os brasileiros. A meta foi atingida – o reconhecimento da santidade pela assinatura do decreto papal. Será, em seguida, promulgado.

Assim, o franciscano Frei Antônio de Sant'Ana Galvão é o primeiro dos nascidos no Brasil a ser apresentado à veneração e ao culto nos altares, entre os santos de Deus.

Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia escreveram e publicaram, (Editora Santuário, 1998) em edição trilingüe (português, inglês e espanhol), uma biografia de Frei Galvão, na qual relatam que Antônio Galvão de França nasceu em Guaratinguetá, no ano de 1739, tornou-se frade franciscano em 1761, na cidade do Rio de Janeiro, e de lá transferiu-se para o

convento de São Francisco, em São Paulo. A primeira missa foi rezada na Matriz de Santo Antônio, em Guaratinguetá, onde ele havia sido batizado. Os pesquisadores destacam as atividades de Frei Galvão, poeta



da Academia dos Felizes, primeira Academia de Letras de São Paulo, arquiteto do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Luz, de cujas irmãs foi orientador espiritual, tendo criado o estatuto da Ordem Concepcionista. Os milagres sucediam-se registrados, e responsáveis pelo reconhecimento da vida exemplar do franciscano, cujas virtudes heróicas João Paulo II reconheceu.

A morte de Frei Galvão deu-se em 1822, “deixando uma memória abençoada”, como

reza a inscrição gravada em bronze na igreja do Convento Franciscano de Guaratinguetá.

Seu corpo foi sepultado no Mosteiro da Luz, onde as freiras são guardiãs da memória de Frei Galvão, divulgadoras de seus milagres e onde preparam as “famosas pílulas”, recomendadas, principalmente, para as mulheres grávidas, na expectativa de bom parto.

Guaratinguetá conserva os bens patrimoniais ligados a Frei Galvão: sua casa de morada familiar e os móveis que lhe pertenceram. Estes, guardados para visitação pública no Museu Frei Galvão.

A Catedral de Santo Antônio conserva as imagens de culto e uma capela lateral recebe os devotos, localizada ao lado esquerdo de quem entre pela porta principal.

Os eventos ligados à próxima visita papal a Aparecida, prevista para maio de 2007, aquecem os corações dos guaratinguetaenses, no aguardo da formalização do processo de canonização no local do nascimento de Frei Galvão, cujos trâmites correm em direção da promulgação prevista para o mês de fevereiro do ano entrante.

Dóli de Castro Ferreira

Nota: segundo os biógrafos citados no presente texto, Antônio (depois Frei Galvão) era o quarto filho entre os dez do casal Antônio Galvão de França, comerciante e capitão-mor de Guaratinguetá, natural de Faro, em Portugal, e de D. Izabel Leite de Barros, descendente de bandeirantes paulistas, originária da fazenda dos Correias, em Pindamonhangaba.

O Jongo de Piquete, um novo olhar

A presença do Jongo em Piquete faz do município um dos únicos do Sudeste brasileiro a preservar essa rica manifestação da cultura negra.

Em Piquete resiste ao tempo. Deve-se esse fenômeno a fortes laços culturais e à tradição oral, que fazem com que muitos “pontos” – forma política de dizer ou transmitir mensagens de maneira cantada e cifrada – permaneçam na memória de muitos moradores, principalmente na comunidade negra do bairro da Raia.

Tombado como Patrimônio Imaterial do país pelo IPHAN, o Jongo vem, nos últimos anos, criando visibilidade, tornando-se conhecido da população e alvo de pesquisas acadêmicas.

Em relação ao jongo de outras localidades do Sudeste, o de Piquete chama a atenção dos pesquisadores pelo grande número de crianças e jovens, que cantam e dançam ao som de tambus e caxambus. Essa presença jovem levou à elaboração do projeto “O Jongo de Piquete, um novo olhar”, voltado, principalmente, para a

comunidade escolar. Busca-se resgatar e tornar conhecidos diferentes “pontos”, salvaguardando esse bem cultural, patrimônio da comunidade negra de Piquete. Objetiva, também, contribuir para a melhoria das condições sociais e materiais da comunidade jongueira, bem como com a reprodução e transmissão dessa manifestação cultural.

Esse projeto propõe-se a publicar um livreto contando a história do jongo de Piquete e sua resistência; aumentar a auto-estima dos afro-descendentes, por meio da valorização dessa dança, de seus usos e costumes; realizar oficinas e rodas de jongo nas escolas municipais, apontando para as crianças a importância dessa rica manifestação cultural.

O projeto “Jongo de Piquete, um novo olhar” foi realizado com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, por meio do seu Programa de Apoio à Cultura (PAC), que busca promover ações que visem à difusão das diferentes formas de expressão da cultura tradicional.





Vários pontos de erosão do município de Piquete após as chuvas de dez-06 e e jan-07, contra os quais nenhuma ação eficaz foi tomada. A partir da esquerda: Barranco no Bairro Santo Antônio em situação crítica, trecho desmoronado no Rio Piquete, e, à direita, a estrada do Pompilho, agora intransitável.

Mapa de Erosão do Estado de São Paulo: a situação de Piquete

Basta correr os olhos sobre a paisagem piquetense para se observar o aumento de áreas de erosão no município. Esse grave problema ambiental é encontrado tanto na zona urbana quanto na rural, e vem crescendo ano a ano.

Recente relatório elaborado pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e colocado à disposição da sociedade traz informações relativas às condições ambientais do estado. No que tange à qualidade ambiental, esse documento aponta, no item que aborda o solo, a questão da erosão e de áreas de risco. Para a elaboração desse relatório, procedeu-se a um levantamento sistemático da ocorrência de erosões de grande porte em todo o estado de São Paulo. Esse trabalho foi realizado por meio de um convênio entre o Departamento de Águas e Energia Elétrica – DAEE – e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT. A produção técnico-científica resultou em um “Mapa de Erosão do Estado de São Paulo”, o qual apresenta

as áreas de suscetibilidade à erosão. A análise dos dados obtidos permitiu estabelecer um índice de criticidade dos municípios quanto aos processos erosivos. Surpreendeu-nos constatar que no Vale do Paraíba apenas três municípios são considerados de alta criticidade, e que, entre eles, encontra-se Piquete.

A erosão é o processo de desagregação e remoção do solo ou de fragmentos de rocha pela ação das águas; ocorre, principalmente, em solos nus, com pouca proteção de espécies vegetais. As consequências da erosão não se limitam às zonas erodidas – a terra que escorre dessas áreas assoreia rios que, mais rasos, provocam inundações. Áreas desmatadas íngremes, sem árvores que “segurem” o terreno com suas raízes, são particularmente sensíveis a erosões e deslizamentos.

Na parte urbana de Piquete, a acentuada degradação ambiental é resultado da intervenção humana ao longo do processo histórico de uso e ocupação do solo. Para

sanar esse problema, são necessárias ações preventivas e o efetivo controle da erosão, que exigem medidas de ordem técnica, sócio-econômicas e políticas direcionadas à preservação ou melhoria do meio ambiente.

A erosão guarda relação direta com o desmatamento; com o crescimento acelerado e desordenado da população; o movimento de terra sem qualquer controle; o traçado inadequado da malha urbana e deficiências no sistema de drenagem de águas servidas e pluviais. O período das chuvas, quando os problemas resultantes da erosão afloram, é o momento adequado para se discutir esta questão, reforçando a necessidade de um programa de recomposição da cobertura vegetal e de controle de erosão. O relatório do governo do Estado é um instrumento para auxiliar nessa discussão. É um bom começo. Recursos para obras de recuperação existem e são muitos. O que falta, no caso específico de Piquete, é conhecimento técnico e vontade política.

Revegetação de áreas ribeirinhas: FCR em ação

Continuam os trabalhos do projeto “Revegetação de áreas ribeirinhas das MBH’s do Tabuleta e Benfica – Piquete/SP”, com o acompanhamento e manutenção da área plantada. Passado um ano do plantio de mais de 2500 mudas, é surpreendente o vigor como as espécies se desenvolveram. Paralelamente a esse acompanhamento, a FCR, em seu viveiro, vem semeando e formando mudas de mais de sessenta espécies da Mata Atlântica. Colhidas em Espécies da Mata Atlântica plantadas em área do projeto “Revegetação de Áreas Ribeirinhas...”



Piquete por mão-de-obra local treinada num dos cursos ministrados pelo projeto, essas mudas deverão ser plantadas em áreas a serem priorizadas por futuros projetos. A recuperação de matas ciliares é uma preocupação da FCR.

A mata ciliar

Essencial ao equilíbrio do meio ambiente, a mata ciliar é uma faixa de vegetação que recobre as áreas adjacentes aos rios, lagos, represas e nascentes. A preservação e a recuperação das matas ciliares, aliadas às práticas de conservação e ao manejo adequado do solo, garantem a proteção de um dos mais preciosos recursos naturais: a água.

As matas ciliares protegem os recursos hídricos e o solo, reduzindo o assoreamento dos rios e o aporte de poluentes; criam corredores, favorecendo o fluxo gênico entre remanescentes florestais e fornecendo alimento e abrigo para a fauna, e funcionam como barreiras naturais contra a dissemi-

nação de pragas e doenças nas culturas agrícolas. Além disso, as florestas em crescimento fixam o carbono e contribuem para a redução dos gases de efeito estufa, responsáveis pelas mudanças climáticas que afetam o planeta.

É grande o grau de devastação das áreas de mata ciliar no município de Piquete. É mais grave na área urbana, o que coloca em risco a população, devido ao risco de desmoronamento e enchentes.

Mudas cultivadas por Kiko Ribeiro, no viveiro da Fundação Christiano Rosa.

